

Bloco de notas

Publicação: [O Mundo em Português Nº 63](#)

Data de Publicação: Outubro/Novembro 2006

Autor: Alexandra Prado Coelho

Líbano, um conflito por procuração

A guerra do Líbano é uma «guerra inacabada», escreve Amir Taheri, editor da *Politique Internationale*, num artigo na revista britânica *Prospect*. O conflito que marcou o Verão serviu os interesses de vários países: o Irão, que estava ansioso por desviar a atenção do seu braço-de-ferro com a ONU em torno do nuclear; a Síria, que queria distrair o mundo da investigação sobre a morte do antigo primeiro-ministro Hariri e, ao mesmo tempo, provar que sem ela «não pode haver paz no Médio Oriente»; de Israel, que sabe que não pode permitir que o Hezbollah use o Sul do Líbano como base para ataques; e para os EUA, que integram esta guerra no conflito mais amplo com o Irão. O Líbano, por todas as suas fragilidades, era o território ideal. Taheri acrescenta um dado: a todos estes interesses externos veio somar-se uma luta interna no Hezbollah, onde «o estilo autoritário do secretário-geral, Hassan Nasrallah, começou a ser criticado por facções dentro ou próximas do movimento». O que estas facções argumentam é que, tendo sucedido em expulsar Israel do Sul do Líbano, o Hezbollah não tem nenhuma razão para continuar a ser um grupo armado semi-clandestino. No final de Junho, escreve Taheri, Nasrallah enfrentava pela primeira vez o princípio de uma revolta interna. Por isso uma «diversão» também lhe era favorável.

A guerra ao terrorismo já acabou?

James Fallows acha que sim. Agora – e não em 2003 quando George W. Bush proclamou «missão cumprida!» – é tempo de declarar terminada a «guerra ao terrorismo» iniciada depois do 11 de Setembro de 2001. Defende a sua tese na *Atlantic Online*. «Primeiro, aquilo que queríamos vingar – e prevenir – quando fomos para a guerra era um ataque devastador, indiscriminado e em larga escala contra civis no nosso território», diz Fallows. E isso, graças «aos erros da al-Qaida, mas também aos esforços dos EUA, é hoje muito menos provável». Em segundo lugar, prossegue a argumentação – e este é um ponto especialmente importante, «a verdadeira ameaça estratégica da al-Qaida é a sua capacidade de nos provocar para acções que nos são

prejudiciais a longo prazo (veja-se a guerra no Iraque)». E, conclui o autor do texto, a melhor forma de evitar uma reacção excessiva, e de continuar os esforços a longo prazo para vencer a «guerra das ideias», é sair de um estado de guerra – um estado que «torna mais difícil fazer uma série de coisas que devíamos fazer e torna mais provável fazermos erros estratégicos».

Sobreviver a Saddam, morrer no novo Iraque

Num texto muito crítico da presidência de George W. Bush, na *New York Review of Books* de 10 de Agosto, Peter W. Galbraith passa em revista quatro livros recentemente editados sobre a guerra no Iraque – o conjunto das críticas é revelador daquilo que Galbraith considera a forma descuidada e negligente como a Administração norte-americana lidou com todo o processo da invasão e a fase que se seguiu no país de Saddam. Um dos livros que Galbraith destaca é *Ahmad's War, Ahmad's Peace: Surviving Under Saddam, Dying in the New Iraq*, de Michael Goldfarb, a história de Ahmad Shawkat, que trabalhou como tradutor para Goldfarb e que, apesar da prisão e da tortura, sobreviveu durante os anos da tirania iraquiana, para acabar por ser assassinado na cidade de Mosul, depois de ter fundado um jornal que pretendia tirar partido daquilo que ele pensava ser a nova liberdade de expressão no país. O livro, diz Galbraith, «devia ser lido por todos os que querem compreender o amargo desapontamento sentido pelos liberais iraquianos quando a esperança de um futuro melhor pós-Saddam desapareceu, graças à incompetência americana e às forças indígenas libertadas pela invasão»

Guerras da água na Ásia

Apesar de as preocupações do mundo continuarem centradas no petróleo, as grandes guerras do século XXI serão, provavelmente, por causa da água, defende um relatório recente do *Power and Interest News Report* chamado *As próximas guerras na Ásia*. É precisamente na Ásia que a situação é mais grave, argumenta o autor do texto, lembrando como em Julho os Tigres do Tamil Eelam, guerrilha do Sri Lanka, conseguiram cortar uma barragem, privando de água 60 mil pessoas nas áreas sob controlo governamental. As principais regiões «candidatas» a viverem um conflito em torno da água são, segundo o relatório, três: 1) Ásia Central, onde um dos grandes desafios é a partilha dos recursos do Mar Cáspio pelos cinco Estados que o rodeiam (Azerbaijão, Irão, Cazaquistão, Rússia e Turquemenistão; 2) o Sul da Ásia, com tensões entre a Índia e o Paquistão, a Índia e o Bangladesh e a Índia e o Nepal; e 3) o Sudeste asiático, onde as tensões poderão surgir das tentativas do Camboja, China, Laos, Malásia, Tailândia e Vietname para construir barragens que permitam reorganizar o

sistema do rio Mekong. Trata-se de regiões com conflitos históricos por muitos e variados motivos, mas que poderão ter numa eventual disputa em torno da água o pretexto para uma guerra aberta.